

# *Herminia Silva Trentin*

1920- 2021

Leni Trentin Gaspari<sup>1</sup>



---

<sup>1</sup> Membro fundador da Alvi. Ocupante da Cadeira n° 19, Patronesse: Edy Santos da Costa. Membro efetivo do Centro de Letras do Paraná. Mestre pela Universidade de Ponta Grossa em Educação, História e Memória. Professora, pesquisadora e historiadora.

Hermínia nasceu em União da Vitória- Pr, aos nove dias do mês de janeiro de 1920. Filha de Joaquim Eugênio da Silva e Januária de Andrade Silva. Fazia parte de uma família numerosa, com oito filhos, quatro meninos e quatro meninas. Por ser a mais velha das meninas, muito cedo ela assumiu responsabilidades ajudando a mãe nas tarefas do lar e no cuidado aos irmãozinhos menores, sobrando pouco tempo para estudar.

Na década de 1930 era comum as meninas dedicarem-se às atividades domésticas junto às mães pelo excesso de trabalho que cabia à mulher numa época em que não existiam as comodidades que hoje temos em nossos lares, que facilitam o trabalho da mulher. Assim, as meninas estudavam por pouco tempo, apenas nas séries iniciais para aprender o básico para suas vidas como esposas e mães. Aos meninos era proporcionado um tempo maior na escola, porque a eles cabia na vida adulta administrar os bens da família e ser o provedor do lar.

Nessa conjuntura social a menina Hermínia, muito inteligente e observadora, cresceu e tornou-se uma mulher forte e determinada. Casou-se aos 16 anos com Hugo Lampert e pouco tempo depois ficou viúva com um filho de apenas seis meses. Mediante esse fato retornou à casa dos pais para poder trabalhar e criar seu filho Sebastião. Passados quatro anos da sua viuvez casou-se com Armando Trentin, que foi seu companheiro e amigo até o falecimento dele aos 92 anos; um casamento lindo com muito amor e companheirismo. Dessa união tiveram dois filhos: Leni e Sidney.

Hermínia sempre teve grande preocupação no sentido de que seus filhos estudassem; oportunizou aos três filhos apoio e incentivo para tal realização. No entanto, não aconteceu bem como ela desejou. Os meninos ainda jovens dedicaram-se ao comércio com o pai, mas a filha concretizou os desejos da mãe tornando-se professora, pesquisadora e historiadora.

Voltemos ao casamento de Hermínia com Armando em 1942. Ele era carpinteiro e, junto com seu pai Giuseppe Vespasiano Trentin, construíram muitas casas em União da Vitória e Porto União. Nesse período ela dedicou-se ao lar e ao cuidado com os filhos, mas seu temperamento de mulher

independente e sempre querendo aprender a motivava a realizar outras coisas também. Nas horas livres cultivava frutos e verduras no seu imenso quintal, para alimentar sua família com produtos naturais. Moravam numa casa com terreno grande e com espaço para ter plantações e animais: um galinheiro com muitas galinhas, o que rendia sempre ovos fresquinhos; uma vaca leiteira que fornecia o leite, coletado por ela mesma; criava também lindos porquinhos, que ao crescerem eram sacrificados para a família ter carne em abundância, banha, linguiça, torresmo e chouriço, tudo feito pelo casal com ajuda de um rapaz contratado para auxiliá-los.

Como era possível dar conta de tantas tarefas? Vale lembrar que tudo era feito em casa, do pão à banha; lavar as roupas branquinhas todas à mão, porque a máquina de lavar veio mais tarde; e muitas das roupas eram engomadas e passadas a ferro com brasas, antes do surgimento do ferro elétrico. Mulheres surpreendentes e de muita força viveram nesse período. Havia tempo para tudo!

Na década de 1950 o casal decidiu abrir uma pequena “casa de negócios”, na Rua Marechal Deodoro, Bairro Rio D’Areia, logo adiante da Madeireira Miguel Forte em União da Vitória, na própria casa de sua residência. Essa “casa de negócios” logo transformou-se num “armazém de secos e molhados”, tendo em vista que no bairro não havia nenhum, e as pessoas precisavam deslocar-se para o centro a fim de adquirir os gêneros de primeira necessidade. A partir desse momento podemos dizer que a história do casal inscreveu-se na formação do Bairro Rio D’Areia, pois com o *Armazém São José* foi possível atender melhor os moradores do bairro, mas também os colonos que vinham da zona rural vendendo seus produtos e em busca de outros que necessitavam para o seu viver cotidiano. Era comum a venda e troca de mercadorias, pois os colonos traziam hortaliças, manteiga, requeijão, ovos caipiras, feijão novo, latas de banha, carnes defumadas e outros itens.

Esse comércio era vantajoso tanto para os colonos quanto para os armazenistas, considerando que no mercado havia de tudo: alimentos diversos; frutas como a banana, por exemplo, a qual era vendida em cachos inteiros para as famílias; assim como pirulitos e balas que as famílias levavam para as crianças. Outros objetos de utilidade estavam à venda no armazém, tais como:

tamancos; peças de tecidos; louças; sapatos tipo botinas, úteis para trabalhar nas plantações ou nos currais atendendo os animais; chapéus; panelas; lampiões a querosene; bebidas como gasosas e capilé da fábrica do Sr. Manfroni; e tudo o mais que se possa imaginar para atender a clientela.

Qual o papel da dona Hermínia nesse empreendimento comercial? Ela era a principal peça da engrenagem nesse sistema. Era comerciante nata, que negociava como ninguém, explicando a todos os compradores a utilidade dos produtos; atendia a todos, sempre orientando os clientes em suas dúvidas, e dava dicas às mulheres para as compras de ordem feminina, como tecidos para vestidos, tecidos para roupas de cama, para cortinas, para camisas, pijamas, chinelos de retalhos de tecidos feitos por ela mesma com sua irmã Senira; e tudo mais. Costumava orientar os homens que muitas vezes vinham sem as esposas porque, como dizia ela, “se deixasse por conta dos homens eles comprariam peças inteiras do mesmo tecido e a casa teria de toalhas de mesa a cortinas e vestidos, tudo igual”. Ela era meticulosa e pensava em tudo. Antes dos clientes e fornecedores retornarem para a colônia oferecia-lhes sorvete ou picolés feitos por ela como cortesia da casa; não tinham como não voltar no mês seguinte para comprar com dona Hermínia e Sr. Armando.

Para os moradores do bairro, na sua maioria trabalhadores nas fábricas, vendiam seus produtos com acerto no final do mês, quando os clientes recebiam o pagamento. As compras eram anotadas nas famosas cadernetas, tão em evidência nos idos dos anos 1950. Generosos, compreendiam as dificuldades financeiras de alguns clientes, parcelando as dívidas, e até perdoando algumas, de famílias carentes. Suas ações foram recompensadas por Deus, com saúde e vida longa.

Com muito trabalho, comprometimento e união, o casal aumentou seu patrimônio e construiu, nos anos 1970, ao lado do antigo *Armazém São José*, um mercado com o mesmo nome, o qual era abastecido com vários produtos necessários às pessoas que ali chegavam. Registro aqui o dinamismo e a força da minha mãe, mulher batalhadora e guerreira e com menor grau de estudo que o marido, que se revelou excelente administradora no setor comercial; nada passava aos seus olhares atentos e inteligência aguçada.

Trabalharam no comércio por 45 anos aproximadamente. Aposentados, alugaram a parte inferior para loja e continuaram a residir na parte superior até o falecimento; ele em março do ano 2008, com 92 anos, e ela em setembro de 2021, com 101 anos. Viveram juntos por 65 anos compartilhados com amor, compreensão e companheirismo. Viúva, Hermínia nunca quis deixar o lugar onde viveu e trabalhou feliz, ao lado do seu companheiro. A família, querendo preservar parte da linda história desse casal, optou por doar os móveis do quarto deles para a Instituição Cultural do Castelinho, em Porto União, a fim de que as lembranças permaneçam no imaginário da comunidade.

### **Algumas considerações:**

Hermínia foi uma mulher trabalhadora, guerreira e com muita vontade de aprender coisas novas. Atravessou um século vivenciando as mudanças ocorridas em sociedade e procurando adaptar-se a elas. Aceitou algumas... outras não, mas soube respeitar as opções de cada um. Perdeu dois filhos adultos, sofreu, mas levantou a cabeça e continuou firme como uma rocha. Foi exemplo de mulher, mãe, avó e bisá sempre pronta para ajudar e aconselhar a todos. Sua bisneta Fernanda relata o seguinte sobre a Bisá e seus conselhos:

“Você que escolhe o homem com quem vai se casar”. Ensino que a Bisá me deixou, mesmo tendo nascido em 1920, época extremamente patriarcal, em que os casamentos eram arranjados e as mulheres servas de seus esposos. A Bisá Hermínia sempre foi feminista sem saber seu conceito teórico; sabia o prático (senão o mais importante) e não cansava de contar sobre o seu casamento, a forma carinhosa com que o Bivô Armando a tratava e como dividiam os deveres familiares e profissionais. Incentivou os três filhos a estudarem, serem responsáveis, de caráter e honestidade. Eram os valores que até os 101 anos deixou claro serem os mais valiosos para ser uma pessoa de bem. Perguntava-me sempre que eu chegava em sua casa para o café: “Como estão os estudos? E o trabalho? Namorado? Ele te trata bem?”. A minha memória favorita dela é esta: a lucidez, a compreensão à frente do tempo e a preocupação que eu escolhesse alguém companheiro, carinhoso, trabalhador e de bem para estar comigo por toda a vida. Amor de vó, desejo que esteja bem onde estiver! Fica o amor, fica a saudade!

### **Complemento o texto acima com as reflexões de alguns netos:**

Quando pensamos em alguém logo vem a nossa mente algo que representa essa pessoa para nós. Quando lembro da vó penso em força, determinação, vontade de viver e produzir. Ela foi uma mulher

adiante do seu tempo. Construiu ao lado do seu marido um lar afetuosos e juntos cresceram financeiramente para proporcionar bem-estar aos seus familiares. Estava sempre determinada a aprender; a modernidade com a tecnologia a encantava. Tento levar comigo a tua força, vovó, para conduzir a minha vida. (Márcia)

Hermínia: nome forte de uma mulher que deixou como legado o exemplo de uma postura sempre independente, determinada e corajosa. Mesmo sem estudar teorias sobre a sociedade patriarcal ou feminismo, ela foi uma grande feminista – e sequer se deu conta disso - sempre compartilhando decisões com os homens e inspirando as novas gerações da família. Sinto-me honrada e muito grata por ser sua neta, pois seus ensinamentos moldaram minhas escolhas na caminhada da vida. Obrigada, vizinha querida! (Rosângela)

Os meus avós coloriram minha infância. Eles tinham uma chácara onde convivi muito com eles e aprendi a amar e respeitar a natureza, buscava e explorava cada canto com curiosidade. Com o avô eu pescava, cavalgava, colhia pinhão e fazia sapecada à beira dos tanques. Com a avó eu ia na horta e no galinheiro pegar ovos e verduras. A melhor parte eram os lanches gostosos com os quais ela nos aguardava após um dia de grandes aventuras. Vovó colocava ordem na bagunça da criançada, nos mandava para o banho e dormir cedo. Muito sábia sempre, nos aconselhava para atitudes que nunca esqueci e que me ajudaram no aprendizado de família. Enriqueceram minha vida com valores eternos que me tornaram uma pessoa melhor. (Rodrigo)

Quando penso na vó Hermínia, a palavra que me vem à mente é: determinada! Ela sabia o que queria e por que queria. Sabia como fazer e por que fazer. Sabia o que era bom e, o que daria certo e por quê. Tinha muita força para o trabalho, para enfrentar os desafios e as dificuldades da vida; muita inteligência para respostas, soluções e para perguntas mesmo quando queríamos esconder algo. Nos conhecia pelo olhar e pela voz. Profissional à frente do seu tempo, mulher, irmã, esposa, avó, bisá e trisavó incansável, presente e querida. Minha avó apaixonante, geniosa, guerreira, religiosa.... para você cito Paulo de Tarso: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé”. (Simone)

O ato de recordar determinadas situações da nossa vida traz à tona inúmeras lembranças permeadas de emoções do que foi ontem e o que ficou desse ontem em nossa vida. Escrever sobre minha progenitora foi um desafio que nos propusemos a fazer reconstruindo experiências, embora tomada por forte emoção no ato de narrar. Estamos orgulhosos pelo fato do nome da minha mãe ser incluído no “Memorial Mulher” junto aos nomes de outras mulheres guerreiras que fizeram parte da história das nossas cidades. Essa homenagem faz com que as memórias não se percam e dá visibilidade aos

diversos papéis que as mulheres vêm desempenhando na sociedade e muitas vezes ficam no esquecimento.